

O POVO DE AVEIRO

FOLHA DO POVO E PARA O POVO

PREÇO DA ASSIGNATURA

EM AVEIRO: anno (50 n.º) 1\$000 rs.; semestre (25 n.º) 500 rs.
 FÓRA D'AVEIRO: anno (50 n.º) 1\$125 rs.; semestre (25 n.º) 570 rs.

Publica-se aos Domingos

As assignaturas devem ser pagas adelantadas

PREÇO DAS PUBLICAÇÕES

Na secção dos annuncios: cada linha 30 rs.
 No corpo do jornal: cada linha 60 rs.
 Numero avulso 30 rs.
 Redacção e administração — rua Direita.

AVEIRO

NAS VESPERAS DA REVOLUÇÃO

Portugal está, n'este momento, atravessando uma crise social gravissima. Não ha pão. As populações insurgem-se. O trabalho escasseia. O commercio paralysa. A agricultura, ameaçada pela invasão sempre crescente do phylloxera, encaminha-nos a passos de gigante para uma proxima ruina, para uma bancarrota inevitavel. E ao passo que o povo soffre dolorosamente, que faz el-rei, que faz o governo?

El-rei prepara-se para uma viajata triumphal pelas provincias. El-rei, o protector do syndicato de Salamanca, cercado no seu palacio, como o autocrata moscovita, de policia e de força armada, dispõe-se a receber fóra da capital as ovações officiosas, as aclamações, pagas a tanto por cabeça pelos membros do syndicato.

O governo sonha com uma pavorosa para derrubar os seus inimigos. O governo trapaceia; o governo desmoralisa; o governo corrompe; o governo tributa o pão, o sal, a carne, o petroleo, o assucar; o governo explora, em proveito da numerosa confraria salamanqueira, o thesouro portuguez.

Rei e governo portanto, estão irremissivelmente condemnados pela opinião publica.

A politica póde muitas vezes não agitar um paiz. A fome conduz as nações em linha recta ás violencias da revolução.

Seguramente um milhão e quinhentos mil habitantes de Portugal estão empregados nos trabalhos da vinicultura. Accresce mais que é o commercio de vinhos a principal fonte da riqueza publica entre nós. Como materia collectavel é tambem esse ramo importantissimo.

FOLHETIM

UMA LIÇÃO DE HISTORIA

Ha trezentos annos que se dava no palacio d'Almeirim, perante uma corte renegada e devassa, um acontecimento de tristissimas consequencias para Portugal.

N'um quarto d'esse palacio morria desgraçadamente, de todos abandonado, o ultimo descendente d'uma familia feliz, mas infame, que recebia tranquillamente em Lisboa os esplendidos resultados das grandes victorias dos Almeidas, dos Castros, dos Gamas, dos Albuquerque e dos Pachecos ao mesmo tempo que mandava assassinar nas praças publicas e arrastar por as ruas, por uma plebe fanatica, os filhos energeticos e trabalhadores da pobre raça hebraica.

Esse homem era o unico peñhor da independencia d'este povo heroico, que a havia ganho em centenaes de batalhas e que a zelava com um verdadeiro amor, tanto mais arreigado no seu coração quanto maior tinha sido o seu labutar de seculos. Milhões d'almas se-

A invasão do phylloxera arrastará por isso,com sigo um cataclismo medonho.

Juntemos porêm, a esse mal uma diminuição proxima nos juros dos titulos de dívida publica, a carestia do pão, os impostos exageradissimos, a exorbitancia das rendas de casa, a ausencia de trabalho para o operariado, a fome, a miseria do maior numero, as tratadas infamantes, votadas pelas camaras e applaudidas pelo rei, e digam-nos depois os optimistas qual a situação que nos espera e o futuro que nos está reservado.

Não ha que vér! Estamos em vespervas d'uma revolução tremendissima. São os factos, que nol-o affirmam. Em 1848 as circunstancias eram as mesmas, e o povo francez então clamava: ou pão ou chumbo. O povo portuguez tambem pede pão. E o rei responde-lhe, divertindo-se. O povo portuguez quer trabalho, e o governo, em vez de trabalho, dá-lhe impostos vergonhosos e tratadas indignas.

São geraes os clamores. Por toda a parte se manifesta um profundo descontentamento. Todos estão de accordo em que isto não póde continuar. Unicamente a divergencia, se existe, existe nos meios. Talvez mesmo na sinceridade de cada um. É indispensavel um grande esforço nacional para salvarmos o paiz dos perigos a que a monarchia, com as suas camarilhas indignas, o conduziu.

Os partidos monarchicos deram o que tinham a dar. Estão mortos. Estão desprestigiados. Impõem-se aos ingenuos pela ostentação da força armada, pelo apparato, por uma popularidade postica.

Rei e ministros são egualmente complices n'este abominavel crime de lesa-nacionalidade. Porisso rei e ministros, dissemos já, estão fatalmente condemnados pela opinião publica.

Façamos a Republica. Salvemos a patria.

Estamos em vespervas de revolu-

guiam passô a passô aquelle velho cachetico e senil velando e vigiando com um cuidado de mae extremosa o fio tenue que lhe prendia a vida. Ao primeiro achaque tropego do velho enfermo, ao primeiro desmaio, ao primeiro prenuncio de morte, a multidão corria a agglomerar-se á porta do regio alcaçar, tremula, ansiosa, indecisa, com pasmos de dôr, pretendendo formar como que uma barreira espessa por onde a morte não podesse penetrar.

Que temia esse povo? Que receiava elle da infallibilidade d'um ungido do senhor, d'um rei de direito divino?

Ah! ás multidões já n'esse tempo conheciam os reis; já se torciam receiosas perante a sua divindade; já então as tradicções, aquellas tradicções que para os monarchicos de hoje são o maior laço d'affecto entre o rei e o povo, as tinham costumado a duvidar e a temer.

O povo sabia que a união de Portugal á Hespanha, a perda da nossa independencia; tinha sido sempre o pensamento dominante dos seus monarchas divinos. Não igno-

lucção. Preparemos-nos para o triumpho.

MAGALHÃES LIMA.

PROGRESSISTAS OU REPUBLICANOS?

Mais uma vez se apresenta, incoherente e desatinado, o partido progressista.

Pela voz eloquente dos seus primeiros chefes, eil'o de novo ameaçando o rei com a sua conversão ao republicanismo.

Francamente: que auctoridade moral pode ter o partido progressista para se lançar hoje nos braços da republica, elle que hontem formou o partido do rei, que não realisou a mais pequena reforma politica, e mentiu descaradamente a si proprio, á opinião publica e aos homens de boa fé que confiaram nas suas promessas?

Que auctoridade moral pode ter um partido que para captar a attenção do paiz, apregooou um programma pomposo de reformas quando era opposição, e calcou aos pés as promessas feitas, ligando-se, em primeiro lugar, com o grupo politico mais conservador e mais reaccionario d'este paiz, posto já de parte pela morte do seu chefe, o duque d'Avila e Bolama, e subindo depois aos conselhos da corôa, após as maiores invectivas ao rei. não teve coragem, nas bancadas do poder, para realizar as mais simples reformas do seu fementido programma?!

Um partido que cahiu miseravelmente, empenhado na approvação do tratado de Lourenço Marques, que condemnára quando opposição; um partido que proclamava a reforma da camara dos pares, como uma medida inadiavel e que consumio a sua curta vida governamental a engendrar fornadas; um partido que planeou a reforma da carta, que confiou o projecto d'essa reforma a um dos seus grandes homens e que, com as ideias do poder, nem sequer pensou

rava as luctas de D. Affonso V com Castilla para affirmar os direitos de D. Joanna, nem o fim de D. João II e de Isabel a Catholica com o casamento dos seus dois filhos primogenitos Affonso e Isabel, nem o que pretendia D. Manuel casando-se depois com esta princeza viuva; conhecia perfeitamente as tramas de Catharina, avô de D. Sebastião, e de seu irmão Carlos V, e andava no dominio de todas a parte activa que a Hespanha tomou na triste expedição d'Africa. Tambem não ignorava o que se passava no paiz depois da ascenção do cardeal D. Henrique e todos os seus temores provinham do character versatile e fraco d'este rei, que ora se inclinava para a duqueza de Bragança, ora se lançava nos braços dos emissarios de Filippe II de Hespanha. Pensava, e com razão, que as astucias e o dinheiro d'estes venceriam por fim, e portanto preferia a vida d'um miseravel rei que diariamente comprometia o paiz, á perda da nossa independencia que se apresentava como provavel depois da sua morte.

Mas o que ainda assim passava como incerto e duvidoso era

em tal; um partido que, quando opposição, não cessava de tecer injurias aos seus adversarios, e lançar-lhe em rosto o compadrio mais descarado na accomodação dos seus amigos e afillhados, e quando poder do que tratou foi de arranjar empregos rendosos para os seus jornalistas mais exaltados, de anichar os parentes dos ministros em logares importantes, de galardoar os galopins eleitoraes e encher de honras e interesses os seus partidarios; um partido, emfim, que não deixou de si um unico rastro de fino administrativo, que não emprehendeu uma unica reforma politica, que não reorganizou a fazenda, e não fez mais do que uma eleição de deputados á sua imagem e similhaça, duas fornadas de gente que lhe voltou as costas na primeira votação, e um grosso emprestimo, o maior de quantos se teem contrahido n'estes ultimos tempos? Um partido n'estas circunstancias, não tem auctoridade nem prestigio para se impôr como partido reformador e muito menos como partido avançado, trabalhando junto com o partido republicano.

Mas, se ha progressistas que renegam o programma espesinhado da Granja, que o julgam incompativel com as aspirações e modo de ser da sociedade actual, se estão convencidos de que só a republica nos pode salvar da bancarrota e da tutela d'uma familia privilegiada, que esses taes se apresentem francamente, que desenrolem a sua bandeira e desistam de toda a cooperacão no governo da monarchia.

Assim, aconselharemos ao partido republicano que se ligue com elles, que aceite as suas adhesões e os seus serviços. D'outra forma não; mil vezes não, porque o exemplo já vem de longe e bastante eloquente para que nos deixemos embalar pela linguagem da especulacão e das conveniencias pessoaes.

É escolher: ou monarchicos ou republicanos. Ou romper de vez com a monarchia ou continuar a morder-lhe na sombra para a adu-

que o cardeal rei deixasse o reino em testamento a um estrangeiro. Era esse um crime tão odioso e nefando, que custava a crer que alguem fosse capaz de o commetter. As duvidas dissiparam-se por fim.

O bandido real tomou isto por fendo, como fazem todos, e entendeu que tinha direito a dispôr d'elle como lhe parecesse. Assim o fez e se é certo ter tido remorsos não é o menos ter-se julgado absolvido. Estes miseraveis tinham sempre o ceu por certo, por maiores que fossem os seus crimes.

Eram remedios faceis para isso ir á missa todos os dias, confessar-se repetidas vezes e abraçar-se a um cruxifixo na hora extrema.

Resa a historia de factos engraçados e notaveis nos ultimos momentos do rei D. Henrique.

Estavam as côrtes abertas e n'ellas se debatia a importantissima questão da successão da corôa. A maioria composta de fidalgos e de padres, comprados com o dinheiro hespanhol dos enviados de Filippe II—Christovão de Moura e o duque d'Ossuna, votava pelo rei de Hespanha; mas as palavras elo-

lar na presença. Os campos são bons de extremar. Escolhei.

ALBANO COUTINHO.

CONSUMMATUM EST

O escandaloso projecto do syndicato foi finalmente sancionado pelo rei. Mas tudo acabou aqui? Não! O sr. D. Luiz que approvou a concessão da Zambezia, o tratado de Lourenço Marques e o de commercio com a França, mentia ao seu programma negando a sancção regia a este novo latrocinio. Portugal ainda está bastante prospero para fazer valiosos presentes ás nações poderosas; e por isso, se peitou a Inglaterra e a França, de razão é que alguma coisa offereça a Hespanha, porque lá o disse já n'outro tempo o vate ministro:

«... farte-se a Hespanha inclemente do povo no sangue quente, na carne da morte grei. Portugal é lanta boda onde come a Hespanha toda...»

Portanto, o povo que pague a construcção de caminhos de ferro em terra estrangeira, que para isso é governado pelo sr. do Tosão de Ouro! Que importa que o paiz se agite de norte a sul, protestando contra tão monstruoso roubo? Que importa que tudo conspire contra essa tribu famelica que arranca a ultima fatia de pão ao miserô proletario que trabalha de sol a sol, para ir comel-a de parceria com inimigos nossos? Que importa que a mulher e os filhos d'esse desgraçado que ainda hoje é escravo dos grandes senhores, morram de fome e vão de porta em porta esmolar o obulo da caridade?!

Sim, que importa tudo isto se o rei e os seus ministros vivem cercados de luxo e de grandezas?! Ah! mas que estupendo ha-de ser o ajuste de contas do povo com a monarchia, quando elle, conscio dos seus sagrados direitos fizer baquear por terra o throno com todo o cortejo de escandalos de que

quentes dos deputados do povo entre os quaes se tornou notabilissimo pelo seu patriotismo o grande, o heroico, o abençoado Phebus Moniz, embarçavam-na altamente nas suas resoluções, porque arrastavam atraz de si o povo, cujos animos se achavam exaltadissimos. Correndo o boato de que o rei estava do lado dos hespanhões, os deputados do povo reunidos juram preferir a morte a prestar obediencia a Filippe II; o prior do Crato, pretendente nacional, aproveita essa occasião para lhes escrever uma carta, incitando-os á resistencia.

O Cardeal manda chamar á sua presença Phebus Moniz, presidente d'esses deputados, que promptamente obedeceu, e exige-lhe a carta.

«Nunca, respondeu-lhe o nobilissimo tribuno; da minha vida pode dispôr como quizer, pelos brios de homem e pela minha honra só eu respondo.»

Que haja um unico dos demagogos monarchicos de hoje, da escola Marianna, que seja capaz de responder assim ao sr. D. Luiz quando elle lhe intimar uma infamia!

Mas ainda temos respostas mais

vive e se sustenta! E não vem longe esse dia; está próxima uma conflagração geral, porque já a maior parte dos portugueses comprehendem que a moral e a economia são incompatíveis com esta forma de governo.

Tremei pois miseráveis assalariados d'esse rei que só não é tibio para nós affrontar; tremei que o vosso imperio está prestes a tocar o seu termo! Se pensaes que ao projecto que vae dar protecção á agiotagem nada falta, estaes em erro: falta-lhe ainda a sancção do povo, do povo que é soberano e não abdica facilmente das suas regalias!

— Liberaes de todas as côres; homens honrados de todos os credos; verdadeiros portugueses de todos os partidos, — guerra de morte a quem pretende vender-nos como horda de escravos! Guerra sem treguas!

DANTON.

CARTAS

Lisboa 4 de agosto.

El-rei de Portugal, n'este momento, passeia pelas provincias do Norte, e recebe as aclamações, pagas á custa do thesouro, e os agradecimentos dos seus queridos salamanqueiros, que serão tudo o que quizerem, menos ingratos; porque mesmo é bom ir sempre fazendo a cama para outros ganhosinhos, para outra ladroeira, que não se deve fazer esperar muito tempo; a epoca vae boa para isso e é necessario aproveitar. Gaste-se rios de dinheiro em proteger quanto especulador queira organizar syndicatos, quanto vadio queira ir para as secretarias ou para a policia ou mesmo queira fundar qualquer pasquinha para calumniar a gente honesta; gaste-se dinheiro em todas as bambochatas e viajatas reaes, e depois... o dilúvio. Sua magestade anda viajando pelos seus dominios e da sua camarilha, rodeado de policia, de cavallaria, de infantaria, de todas as auctoridades, com machina—pilotto á frente; tudo isto organizado pelo Fontes, o magnifico, afim de se impôr no paço, como o unico homem que sustenta a monarchia; o que, não obstante segundo corre e até tem affiançado varios periodicos, não é cegamente acreditado por alguém de lá que já está muito enfasiado de soffrer bonacheirões e enfatuados.

Sua magestade é que confia no grande homem; tanta confiança lhe inspira que até se fez chefe do seu

brilhantes. O rei, querendo tentar o ultimo esforço em favor do rei de Castella, mandou novamente chamar os deputados do povo á sua presença e disse-lhes:

« Quero que vos determineis e prontamente. »

« Nunca aceitaremos senão rei portuguez, retorquiu Moniz. »

« Que poder tendes para resistir á Hespanha, tornou o cardeal? »

« O mesmo que tiveram os nossos antepassados no tempo d'el-rei D. João I. Rei castelhano não será recebido nem obedecido, replicou o tribuno. »

Não havia mais duvidas, o cardeal era um traidor. Correu voz por todo o paiz e a duqueza de Bragança, que era um dos pretendentes, recebeu aviso em Villa Viçosa do que se passava. Partiu a correr para a corte. Quando chegou a Almeirim agonizava o rei de Portugal. A duqueza subiu tranquillamente as escadas do Paço e entrou com serenidade no quarto do moribundo. Este, que dizia adoro-la, tinha um cruxifixo abraçado e em nome d'elle respondeu ás arguições da duqueza, que fizera tudo inspirado por Deus.

partido. E dizem-n'o o modelo de reis constitucionaes!

As festas passarão de pressa; e apoz ellas virão tristes realidades para uns e outros: os monarchicos terão mais uma illusão, porque alem dos festejos encomendados ás auctoridades, não verão nenhuns outros; e o paiz ficará com mais um conto de reis de vida e mais corrupção.

— No sabbado ultimo, tevelugar a segunda reunião da assembleia geral da Associação dos livres pensadores. Tomou a presidencia o nosso correligionario Teixeira Bastos, o iniciador d'esta utilissima associação e um consciencioso e activo propagandista dos principios mais avançados da democracia.

Foram discutidas e approvadas algumas disposições relativas á admissão de socios e que fazem parte do regulamento interno.

Os estatutos, depois de sancionados pela respectiva auctoridade, vão ser distribuidos pelos socios e mesmo a estranhos, como elemento de propaganda; e em seguida proceder-se-ha a uma reunião afim de serem eleitos os respectivos corpos gerentes.

Que todos os homens sinceramente liberaes e que veem no clericalismo, um inimigo da patria, auxiliem este novo nucleo de emancipação do povo portuguez, que pôde produzir resultados soberbos.

— Corre com insistencia, e já alguns jornaes o têm noticiado, que os candidatos republicanos pelos circulos de Lisboa nas eleições supplementares que devem realizar-se provavelmente em setembro proximo futuro são: pelo circulo n.º 97, o sr. Consiglieri Pedroso, e pelo circulo n.º 98, o dr. Magalhães Lima.

— O Seculo já annunciou que publicará no dia 24 do corrente, um numero extraordinario, commemorando o 62.º anniversario da heroica e patriótica revolução de 1820. É uma data da historia que merece uma commemoração levantada e brilhante da parte dos republicanos portuguezes; aquelles benemeritos patriotas, operando um movimento tão revolucionario, tinham em vista a realização d'um ideal mais nobre e mais civilizador do que o simples estabelecimento d'uma monarchia constitucional; mas os traidores e os traficantes politicos que fingiram secundar e os que lhes succederam, desviaram a corrente e deram a este paiz, o bello governo que todos estamos presenciando. Um correspondente do Porto para uma folha da capital tambem noticia que n'aquelle dia

Aquella cruzou os braços e sorriu-se da invocação de Deus. Deus é sempre a capa dos grandes patifes.

E o cardeal, o perseguidor dos judeus, o vendedor da nossa independencia continuava a vomitar sobre Deus todas as impurezas da sua consciencia canalha.

Coitado, o miseravel estava destinado a ser marcado um dia pelo ferrête ignominioso da historia.

Lição soberba esta, que o povo deve aprender em nome das tradições reaes! Mas não ataquemos só o rei, lembremos tambem as gentilezas praticadas n'essa occasião pelos seus dois grandes sustentáculos antigos, presentes e futuros, — o clero e a nobreza.

Estas duas classes arrastavam ha muito tempo uma vida devassa e licenciosa. A expedição africana, esse outro grande crime real, fructo da cabeça d'um doido para quem nunca houve senão a sua vontade despotica, foi o termo da depravação dos nobres. Ahi se começaram a arruinar completamente para agradarem ao rei. Em Lisboa, nas vespas da expedição africana, ostentavam um luxo podigioso.

As ruas achavam-se apinhadas

de veludos, brocados, damascos, predrarias etc.

— Na lista dos despachos de justiça figura o imparcialissimo juiz sr. Rangel de Quadros, para a relação dos Açores.

É tudo poeira, porque o cunhado do sr. Arrobas tem prestado bons serviços e é tudo por amor de... não ir para os Açores. Ficará ahi encaixado n'alguém comissão (e diz-se mesmo que é provavel seja nomeado governador civil, provocando assim uma falta de respeito á lei e uma injustiça para com os seus collegas.

— Noticias do estrangeiro dizem que a Noruega em breves dias terá o regimen republicano. A imprensa já se occupa na discussão da fórma practica de separação completa da Suecia e da organisação do sistema republicano.

Y.

Gaya 29 de Julho.

Consinta, o meu illustre correligionario, que o mais obscuro obreiro da democracia, venha concorrer na mediocridade das suas forças, para a santa causa que nós os demagogos, os demolidores, nos propomos levar a effeito, com toda a sinceridade, com todo o ardor de um espirito juvenil e entusiasta.

Não quero entrar por agora em largas considerações sobre o estado anarchico e deploravel, mil vezes deploravel a que tem chegado este infeliz torrão que nos serviu de berço e que nos hade servir, creio eu, de tumulo.

Causa dôr, constringe-se a alma, quando se nos depara as tradições gloriosas do passado e vemos a situação tenebrosa do presente.

Eu não detesto o Rei, não o leio a familia real, não desejo ver no meu paiz o terror Russo, nem a anarchia Irlandeza.

O que eu não posso comprehender é: que aquelles que deviam pugnar pela felicidade do rei — o lancem ao abysmo, e atirem sobre elle as iras e as imprecações do povo.

Emfim elles assim o querem, assim o tenham.

— A Sociedade Dramatica Amadores de Talma, dará brevemente a sua recita mensal.

Ainda não está de todo resolvido o programma, mas parece certo que o meu distincto amigo Carneiro de Mello, irá n'um dos en-

tervallos tocar uns formosos trechos no bandolim. Carneiro de Mello é um amator distinctissimo tendo producções suas de muito subido merito artistico.

Quanto á parte dramatica é provavel subir á scena um dialogo em verso Os Noivos, de Raul Didier, notavel poeta portuense, e o monologo em verso, O Rouxinol, original de Silva Mattos.

Por hoje nada mais diremos a respeito d'esta Sociedade, que entra agora n'um periodo de florescencia.

— O valente cabo Simão da Costa Neves, da companhia de incendios d'esta villa, acaba de salvar mais uma vida a uma morte inevitavel e horrorosa.

O rio Douro, é o vasto campo de gloria d'este honrado soldado da humanidade.

Hurrah por Simão! Hurrah pelo seu valor!

— Está de lucto uma das familias mais gradas d'esta terra.

A morte, que é muitas vezes inimiga da felicidade, roubou rapida e inesperadamente um jovem que fora na vida o exemplo dos filhos, e na morte ainda — o exemplo dos justos.

Eduardo Augusto de Sousa Cardoso, tinha 18 annos de idade, foi um alumno distincto e um companheiro dedicado.

O cadaver do desditoso mancebo foi conduzido á mão até ao cemiterio pelos socios da Sociedade de Talma, de que o finado fôra um dos socios fundadores. No prestito funebre achavam-se representadas todas as corporações da villa, bem como numerosos amigos do finado.

No cemiterio fizeram uso da palavra o meu amigo Alvaro do Amaral, e o sr. Silva Pereira.

Foi uma demonstração de sympathia ao malogrado mancebo, que na aurora da vida abandonou a sua familia, e os seus amigos, que o estremeciam e adoravam.

Paz á sua alma.

— Muitas casas importantes tem despedido, estes dias, grande numero de operarios.

Se assim continua este estado deploravel de coisas vamos mal e muito mal.

— Peço que me desculpem a massada. Faz um calor insupportavel, que nos vem recordar forçosamente — as praias.

Se me dão licença eu fico-me por aqui e irei informando do que se fór passando de mais importante na Villa.

R. Negro.

Concelho de Vagos

Consta, e é certo, que na gaveta do sr. Mendes Leite inverte ha mais de sete mezes um processo crime contra a camara municipal e seu escrivão!...

Sr. governador bafeje o enfermo, dê-lhe o necessario calor, e mande-o ao seu destino!! Lembre-se que a sociedade em casos taes lucra sempre mais havendo castigo, que indulgencia.

Igualmente consta que ali não ha se quer uma unica parcella de policia sanitaria!! A clinica medica e cirurgica é feita por uma carga de facinoras, chapados ignorantes, refinados bebados, sem consciencia, e por isso sem remorso pelas victimas!!

Providencias, senhoras auctoridades monarchicas! No ultimo quartel do Seculo 19 a falta de providencias, é um crime de lesa humanidade!! Providencias e mais providencias n'este e em todos os ramos de serviço publico!!! Ficamos de vigilancia.

O nosso primeiro anniversario

Faz amanhã um anno que se fundou n'esta cidade o Club Eleitoral Republicano Aveirense. É um dia de confraternidade, um dia de satisfação para todos os bons e verdadeiros republicanos d'esta terra. Os trezentos e sessenta e cinco dias decorridos depois que n'esta cidade liberal foi hasteada a bandeira immaculada da republica, representam para nós uma serie de triumphos.

O riso dos incredulos desapareceu para dar lugar ao acatamento honrado dos que sabem respeitar, no proprio campo opposto, as convicções nobilissimas d'aquelles que marcham dignamente com olhos fitos no seu bello ideal, que tende á regeneração da Humanidade, não reparando para o sangue que lhe brota das feridas abertas pelos abrolhos que lhe arremesam ao caminho; e as chufas dos biltres ou dos tolos cahiram no lodaçal, em que elles se revolvem, porque não poderam tocar nem a nossa impassibilidade, nem a nossa coragem, nem a nossa consciencia, nem a nossa honra.

De viseira calada e lance em riste, promptos a combater mas nunca a assassinar, ficámos sempre nos reductos e n'elles permanecemos preparados para colher as palmas do triumpho ou arrecadar os destroços da derrota. Derribem um, apparecerá outro; vão-se tres co-

Antonio da Gama, alto magistrado; Lopo d'Almeida, Francisco de Sá e muitos outros, todos altos fidalgos e altos dignatarios da Igreja. Só os deputados do povo, portanto, se não venderam. Só elles deram um exemplo dignissimo de patriotismo.

Ora eis aqui uma pequenissima amostra do que vale e do que é a realza e do que são os seus apaniguados. N'este momento em que o sr. D. Luiz de Bragança, o qual, segundo os progressistas, escreveu cartas a Napoleão pedindo-lhe o seu auxilio para a união ibérica; o qual trata com o rei de hespanha uma intervenção hespanhola na occasião conveniente, segundo os mesmos progressistas; o qual, segundo a historia, é descendente do iberico D. Affonso V, do iberico D. João II, do iberico D. Manuel, do iberico D. Henrique, e de D. João IV, Affonso VI, Pedro II, João V e João VI, que entregaram aos inglezes as nossas melhores colonias e que arrasaram o nosso commercio e a nossa industria, de D. Pedro IV e D. Maria II que rasgaram a constituição de 20 dando com isso lugar á revolução de Se-

tembro, á Belemzada e á Patuleia, que nos custaram torrentes de sangue e boas sommas de dinheiro; — n'este momento, repito, em que o sr. D. Luiz de Bragança anda passeando pelo paiz é conveniente recordar ao povo alguns factos historicos, para que elle não esqueça as tradições que o prendem á realza e possa ir alegremente á frente do carro triumphal dos caros penhores da sua prosperidade e da sua independencia.

Eu só lastimo uma cousa — a falta de Escolas.

A monarchia tem um meio facilimo de se consolidar em Portugal que é gastar por anno, em lugar d'umas miseráveis centenas de contos com a instrucção publica, uns poucos de milhares d'elles. Creia que se o fizer pôde dispensar esplendidamente uns devassos que para ahi ha, a quem a barriga assoberba o cerebro, e que estão sempre fallando em caros penhores etc. Ora como esses senhores são importunos e massadores, a monarchia instruindo o povo evitamos o incommodo d'essas repetições.

Experimente.

L. F.

vard es, que repellimos, que expulsamos, veem quatro valentes que armamos:

As perseguições não nos mettem medo. A desgraça não nos atemorisa. Derrotámos moralmente um candidato monarchico nas ultimas eleições de deputados, combates com vantagem nas eleições municipaes, apezar da derrota que era fatal, e não obstante as intrigas miseraveis de parte d'um partido, que nos abraçou no primeiro momento para depois nos apunhalas, e as desgraças d'uns desgraçados sem qualificação possivel, fundámos um jornal em condições prosperas de vida e que é seguido attentamente nas suas evoluções pelos proprios monarchistas dignos e honrados, tomámos uma parte brilhantissima no primeiro comicio que ahí houve contra a salamancada, e finalmente possuimos um club excellentemente montado e que nos honra aos olhos de todos.

Será pouco? Não, é muitissimo n'uma pequena terra de provincia, eivada de preconceitos de toda a especie e atacada d'um torpor que tem sido sempre a sua morte mas de que hoje, felizmente, vae sahindo. Tem concorrido para esse bom resultado, dizemo-lo com orgulho e alegria, a nossa intransigencia politica levantada e digna, a nossa seriedade em todos os actos, a nossa coragem nunca desmentida, a dedicação das classes operarias e tambem o espirito altamente liberal de todos os homens serios d'esta terra. Sim, temos obrigação de ser verdadeiros e imparciaes. Não nos podemos queixar de guerra sem treguas e sem quartel.

Uma parte importante dos monarchicos tem contemplado o partido republicano talvez sem sympathias, mas tambem incontestavelmente sem odios.

Isso é um grande titulo de gloria para esta terra e um grande symptoma de regeneração. Muitos d'esses homens monarchicos hão de cahir fatalmente um dia na republica apezar das suas convicções, quer o prevejam, quer não, quer tenham vontade d'isso, quer não tenham, e cahirão por isto só—Porque são honrados.

E a honradez e a austeridade como elles o reconhecerão no interior da sua consciencia já hoje, são incompativeis com esta devassidão torpe, esta falta de respeito pela lei, esta anarchia legal, com todas estas infamias, finalmente, que tomaram raizes na governação publica.

Terminamos. O partido republicano que conta um anno d'existencia aqui continuará como até agora intransigente, mas respeitandose sempre os adversarios politicos, strenuo defensor da sua causa, que é a de todos os opprimidos e a de todos os que aspiram a um governo forte, ordeiro, economico, liberal e digno, trabalhando por ella sem treguas nem descanso.

A todos os nossos correligionarios e em especial á classe operaria, a esses filhos do trabalho que precisam ser educados para dominarem e dirigirem os governos do futuro e que tão energeticamente trabalham para isso um immenso hurrah e um affectuoso aperto de mão.

Vamos contar aos leitores muito resumidamente um conto, que bem desenvolvido daria para um largo e interessante romance.

Aqui ha annos foi processado um padre, reitor d'uma igreja d'este districto, por se achar envolvido em emprezas altamente criminosas e altamente escandalosas. Accusava-se esse santo filho da igreja de ter morto uma mulher grávida com um pontapé; de espancar os seus parochianos, umas innocentes ovelhas que elle condu-

zia á bordoadada para o redil; de ir levar o sacramento aos enfermos armado até aos dentes, provavelmente por causa das grandes sympathias de que gosava na população; de espezinhar com o seu cavallo as amantes quando ellas cahiam na ingenuidade de declarar que era elle o pae de seus filhos, etc.

Estes crimes exaltaram tanto os animos na reitoria, que alguns individuos resolveram fazer justiça por suas mãos. Uma noite, altas horas, quando o padre sahia a cavallo da terra das suas heroicidades em direcção a uma outra, foram-lhe disparados uns tiros. As balas não poderam penetrar no corço do sotaina. Este, seguindo a caridade evangelica, ia atraz servindo de creado, envergados os fatos humildes do serviço; e o creado ia a cavallo de chapeo alto, entesado na sua vaidade ou acobardado no seu medo, servindo d'alvo á pontaria dos aldeãos, seus patricios. Felizmente escapou; a pontaria foi fraca.

Durante o processo teve o padre uma vida romanesca.

Dizia-se que andava fugido correndo montes e valles; mas os que não eram ingenuos sabiam que descansava tranquillamente em casa das fadigas passadas. Elle tambem não se escondia.

Chamava os vizinhos, que entravam a tremer em casa do sicario com receio d'algum tiro de bacamarte e levava-os com um riso cynico, alvar, ao pé dos cofres amontoados de libras e abrindo-os exclamava:

«Emquanto houverem d'estas não vou para a Africa;» e ria-se, a bom rir dos espantos humildes dos pobres confidentes e da devassidão d'esta sociedade torpe, que elle facilmente comprava. Correram vozes na terra de que o padre estava ali, escondido em tal casa. A tropa cercou-a um dia, repentinamente, ao amanhecer. Os agentes publicos entraram lá dentro, correram tudo mas não acharam ninguem.

O padre tinha razão; emquanto houvesse dinheiro, emquanto possuísse amarelinhas não corria perigo.

As autoridades compradas eram os seus melhores mensageiros e protectores.

Nas horas vagas fazia das suas. Ia de noite roubar; mudava os marcos das terras limitrophes das d'elle, e de dia fazia experiencias com as telhas que lhe vinham para a casa, atirando-as a grandes alturas fazendo-as assim em pedaços.

Os pobres telheiros sahiem a chorar mas resignavam-se a sofrer—elles não tinham dinheiro e elle tinha-o. Por fim o padre foi absolvido; comprou jury, juiz, testemunhas, delegado, tudo.

O homem tinha razão—emquanto tivesse dinheiro não iria para a Africa.

Entrou triumphante na aldeia. Os vencidos, as victimas ajoelharam aos pés do algoz e pediram-lhe perdão. Perdiam a força moral. Mas hoje o padre, o algoz, o sicario está outra vez processado. É accusado de crimes identicos; matou uma mulher, uma creança, coisa que o valha. Um chefe jurou sobre o missal, tirar-lhe a missa, enterra-lo pelo chão abaixo. Elle riu-se com o mesmo riso cynico, hypocrita, da outra vez.

Foi ter com o chefe, conferenciou com elle, e á sahida viram-lhe nos labios o mesmo riso, sempre aquelle riso implacavel. O chefe não fez nada.

As vezes encontra um conhecido, bate-lhe affectuosamente no hombro e diz-lhe ao ouvido, a rir-se:

—Tenho uma burra de dinheiro aqui, outra alem, outra aco-

lá, e por isso ainda d'esta vez não vou para a Africa. E retira-se alegre, satisfeito. É um pandigo, conhece bem esta choldra toda.

Nós, que somos honrados, que seremos emquanto vivermos um azorrague de todos os patifes e de todos os criminosos temos vontade de pedir ás autoridades e a todos os que teem d'entrar no processo que se não vendam agora, que sejam dignos em nome d'essas palavras banaes, de que tanto se abusa—a Justiça a Honra, a Consciencia, a Humanidade.

Mas para quê? O padre tem razão. Emquanto tiver burras cheias de libras não irá para a Africa.

Ahi fica o conto. Decifre-o o leitor como quizer; nós garantimos-lhe a authenticidade.

No domingo, ao anouteecer, houveram mosquitos por cordas na praça municipal. O sr. administrador do concelho prendeu um cidadão pelo enorme crime de ter dado vivas á Republica. Juntaram-se muitos individuos defronte da cadeia murmurando contra o procedimento da autoridade e ahí se conservaram durante algumas horas soltando vivas á Republica e outros gritos pouco agradaveis ás instituições e ás autoridades, sendo necessario intervir a força armada para dispersar o ajuntamento o que não conseguiu, vendo-se obrigada a retirar perante a impassibilidade do povo.

Ou nós nos enganámos muito, ou o sr. administrador do concelho está destinado a ser o maior propagandista republicano d'esta terra. O seu anjo bom o conserve muito tempo nas regiões administrativas.

Aquelle mexeriqueiro da repartição de fazenda em que n'outro dia fallámos, mandou suspender a sua assignatura do Povo de Aveiro.

Que vontade de rir! Então aquelle seringa não julgava que nos comprava por 1:000 rs. cada anno? Este e outros figurões entendem, pelo costume em que os pozeram os jornaes monarchicos, que não havemos de dizer nada de suas pessoas pelo unico facto de serem assignantes d'este jornal. Ora vamos, seus patetas, desenganem-se e acostumem-se se quizerem, e se não quizerem—é o mesmo.

O sr. administrador do concelho tem prohibido a venda da fructa inutilizada e do peixe podre.

Muito bem. Procede como deve. Ora consta que os pesos são roubados nos diferentes estabelecimentos d'esta terra; não em todos, está claro. Pois volte tambem para ahí as suas atencções, sr. administrador. Ande, já que se metteu n'esse excellenté caminho não recue agora.

O sr. administrador quer saber uma cousa? N'outro dia passavam umas mulheres com milho, e não sabemos se com ovos tambem ou mais alguma cousa, por uma das ruas d'esta cidade. Uma regateira chamou-as, mas ellas responderam muito bem que se queria comprar fosse á praça. Então retorquiu a regateira:

—Estão arrançadas; vão para lá e verão a multa que apanham. As mulheres, coitadas, voltaram logo para traz transidas de medo e lá foram vender os generos á regateira pelo preço que ella quiz, provavelmente. Ora estes regateiros e regateiras estão merecendo uma grande sova, sr. administrador. Chegue-lhe bem. Se qui-

zer informações d'este caso peça-as a alguem na rua da Alfandega.

O sr. delegado do thesouro, que nos vae sahindo o contrario do que nos diziam, em lugar de fazer reclamações energicas contra esse abuso revoltante do serviço moderado em que passam a vida mariolando alguns empregados robustos e fortes, que entenderam ser melhor ganhar o dinheiro que a nação lhe paga para fiscalisar, a dormir; em lugar de metter na ordem e de obrigar a trabalhar o tal mexeriqueiro que passa a vida nas confrarias, a fazer serviços que lhe não pertencem e a dar ordens aos outros, no que é eximio, anda-se a metter em cousas tão ridiculas e tão pequeninas, que são realmente improprias d'um homem serio.

Assim, por exemplo, determinou que os empregados d'alfandega não fossem á officina d'um operario, pelo grande crime de ser republicano. Esta só sahe d'uma cabeça enferma. Emlim, se não fossem estas cousas morriamos de semsaboria.

Pois muito bem. Vamo-nos entreter com os empregados da fiscalisação, já que assim o querem. Vamos perguntar ao sr. delegado do thesouro qual a razão porque entra ahí contrabando ás descancaras, o que é, alem d'uma grande vergonha, um desaforo que se torna um grave prejuizo para a nação. Estas e outras dar-nos-hão em breve assumpto para largas conversas.

Novamente pedimos providencias á camara municipal contra o abuso nojentto a que não tem posto cobro, permitindo que se despejem aguas immundas e lavem vasos nocturnos nos tanques dos charizes, principalmente nos do Espirito Santo e da Racha.

De maneira que quando alli levam os animaes a beber, estes encontram um liquido asqueroso e fedorento que apenas pelo olfacto os faz desistir de saciar a sede.

A senhora camara, que se supõe lá n'umas alturas olympicas e deslumbrantes, tem por habito ter em pouca conta a limpeza e decencia da cidade, cuidando tão somente em fazer a bocca doce aos lavradores dos suburbios, para lhes apanhar o voto em epochas de eleições.

Não temos confiança na camara, nem pouca nem muita; achamo-la até pouco illustrada, conscienciosa e independente e portanto em condições insignificantes de prosperidade e interesse local. Que confiança nós pode merecer um municipio, composto quasi que exclusivamente de carolas e analphabetos?

Nenhuma.

Aquelle bom rapaz que foi preso no domingo passado, por dar vivas á republica ainda está preso. É infame. Quem tem a culpa—o juiz, ou o delegado? Averiguaremos. Quanto ao delegado fallaremos breve. Havemos de marcar com um ferro em braza aquelle pan . . . pandigo, de quem nos contam bellas cousas. Uns processos a dormir . . . umas aguas bentas . . . umas . . . muchas cousas más.

Não perde com a demora.

Continua Aveiro em estado de sitio. Rabeia a hydra furiosa. Existem ahí escondidas algumas barricas de dynamite que farão saltar o comboio real na sua passagem. Attenta-se contra a vida das autoridades. O sr. administrador recebeu uma carta anonyma ameaçando-o de morte. O sr. governa-

dor civil, encontrou n'um dia d'esta semana, á meia noite, uns vultos suspeitos na rua do Seixal. Ha quem diga que o sr. administrador é um inepto, um estouvado, um pateta das luminarias em politica e o sr. governador civil um senil, um velhote que já não serve para isto, e que foi por essa razão que mandaram vir infantaria a rodos, cavalaria e agora policia civil; mas nós não acreditamos. Aquillo andam ali altos negocios de segurança publica. Aveiro está em cima d'um vulcão . . . de polvora. Isto rebenta não tarda. Acautelem-se.

O sr. Prazeres, actual director dos correios e telegraphos n'esta cidade, houve por bem determinar que a toda a hora do dia se vendam estampilhas e se possam expedir vales do correio, o que até aqui não succedia, com grave detrimento do publico e não pequenos embaraços.

A repartição do Telegrapho tambem continuará aberta d'esde as 7 horas da manhã ás 9 da noite. Folgamos em registar esta resolução aproveitavel e conveniente, que faculta ao publico maiores commodidades e garantias.

Concluiu o seu curso de medico-cirurgico o nosso amigo o sr. Manuel Pereira da Cruz, sendo plenamente approvedo. A sua dissertação—Cemiterios—está magistralmente escripta, e mais uma vez evidencia a sua subida applicação e provada intelligencia.

Ao nosso amigo um affectuoso aperto de mão.

C. F.

Diz um collega da localidade, que alguem tem pretendido intrigar o digno commandante do destacamento de infantaria 9 com o commandante da divisão.

Apostámos em como vamos por o dedo em cima do intrigante. É provavelmente um miseravel que ahí arribou ha annos, que é useiro e vezeiro n'essas cousas, empregando os meios mais torpes e vis para conseguir os seus fins. Mas as feras tambem se amaciam. Brinque com o fogo e depois queixe-se. Quanto ás calumnias assacadas a um official distincto, que tão dignamente tem dirigido as forças do seu commando, parece-nos que nem as solas das botas lhe roça-rão.

Está terminado o pedestal da estatua que ha de ser erguida n'esta cidade a José Estevão. É modesto, porque os recursos da commissão não permittem mais, mas d'uma belleza que agrada e atrahena na sua singeleza. O autor do projecto é o sr. João da Maia Romão, um artista de muito merecimento, cujas facultades artisticas se não podem desenvolver o que podiam n'este meio acanhado em que vivemos, o que é para lamentar.

A honrada commissão tem trabalhado na realisação da tarefa que se impoz com uma energia e dedicação pouco vulgares. Assim todos comprehendessem isso e a ajudassem como deviam.

Queixam-se varios assignantes, a quem o nosso jornal é enviado regularmente, de que o não recebem.

Pedimos providencias. Isto assim não pode continuar, sr. director geral dos correios.

Deve chegar hoje ou amanhã a Aveiro o nosso prezado collega do Seculo e collaborador d'este jornal Adolpho Andrade.

ANNUNCIOS

NOTAS

ENSAIOS DE CRITICA E DE

LITTERATURA

POR

**ALEXANDRE DA
CONCEIÇÃO**

SUMMARIO

*I Carteira d'um positivista; II
Esboços de critica; III Estudos do
Natural; IV Carvões.*

PREÇO 400 RÉIS

À venda nas principais livra-
rias de Lisboa, Porto e Coimbra.

AGENCIA DE ENCOMENDAS

DE

PORTUGAL E BRAZIL

Proprietario—Francisco

Nunes Collares

COMISSÕES DIMINUTAS

18, Rua da Atalaya, 18

LISBOA

GRANDE SUCESSO

A FAVORITA DE BOU-AMENA

o MAIS DRAMATICO DOS ROMANCES
CONTEMPORANEOS

POR

LOUIZ D'ARENE

Versão de Augusto José Vieira

Folhas de 8 pag. 10 rs.—

Estampas a 10 rs.

O enredo d'este magnifico ro-
mance, todo palpitante de in-
teresse, desenvolve-se nos nos-
sos dias; os personagens, pela maior
parte ainda existentes, reconhecem-
se perfeitamente.

A *Favorita de Bou-Amena*, de-
ve pois obter um exito sem pre-
cedentes na historia do folhetim
contemporaneo.

O auctor teve o feliz arrojo de
descobrir, primeiro do que ninguem,
as velhacarias e traições de um ho-
mem, que occupando outr'ora uma
das mais altas posições, está actual-
mente marcado para sempre pelo
ferrete infamemente da vergonha.

Um dos principais assumptos
d'esta publicação, é as conspirações
Bonapartistas contra a Republica
Franceza, as tramas com a Alle-
manha, com a Italia, com o Bey
de Tunis, com Bou-Amena, etc.,
etc.

No 2.º capitulo d'esta interes-
sante obra, apresenta o seu auctor
o marechal Azaïne entregue, aos
seus projectos de traição á patria.

Luiz d'Arène soube, ao tempo,
crear heróes sympathicos cuja exis-
tência arrojada e aventureira pre-
parava as peripecias mais commo-
pentes.

Os leitores encontrarão n'esta
obra os effeitos dos ardis de duas
mulheres guiadas por paixões con-
trarias, o amor e o odio: uma per-
seguindo sem descanso a realisação
do seu ideal, e a outra a destrui-
ção e a ruina da sua patria.

A MARSELHEZA

Em francez e portuguez

Um folheto de 8 paginas, com
uma gravura, preço 20 reis. Ven-
de-se,—no Porto, kiosque da Pra-
ça de D. Pedro,—em Coimbra, na
loja do sr. João Correia d'Almeida,
—Pedidos da provincia, a J. B.
Rua da Mouraria, 87, Lisboa.—

Precisam-se agentes na provin-
cia.

NOVO ESTABELECIMENTO
DE
Crystaes, mobilia e mercearia

DE
JOSE MARIA DOS SANTOS

RUA DIREITA

AVEIRO

N'este estabelecimento encontra-se um grande sorti-
mento de vidraça branca e de cór, molduras douradas e
pretas, galerias, paters, stores, transparentes, copos, calix,
garrafas, jarras, espelhos, candieiros e seus pertences.

O annunciante tem tambem á venda muitos artigos
pertencentes ao ramo de mercearia, o que tudo vende por
preços muito modicos.

SINGER!

GRANDE BAIXA DE PREÇOS
nas machinas da Companhia Fabril

SINGER

—Rua de José Estevão, 26 e 28—

Acaba de abrir-se n'esta cidade um novo estabelecimento de
machinas ligittimas SINGER para familias, alfaiates, costureiras e sa-
pateiros. Todas estas machinas se vendem tanto a prompto pagamen-
to como a prazo.

Grande abatimento nas vendas a prompto pa-
gamento.

Em todas as machinas venpidas a prazo dispensa-se a pres-
tação de entrada, sendo o **500 reis semanaes**
seu pagamento feito a

Todos os pedidos devem ser feitos a JOÃO DA SILVA SAN-
TOS, na rua de José Estevão, 26 e 28.

João da Silva Santos
AVEIRO

**FILIAL DA CASA DE MODAS E
CONFECÇÕES**

DE

GUIMARÃES & ALVES

DE

LISBOA

**Armazem de fazendas de todas
as qualidades**

DIRIGIDO POR

DAVID MARQUES VIEIRA

David Marques Vieira, abre amanhã
n'esta cidade, na Travessa dos Mer-
cadores n.ºs 7, 9 e 11, um importante esta-
belecimento de fazendas, e outros artigos,
que venderá por preços baratissimos e
sem competencia.

O annunciante, como representante
nas provincias do norte, da casa acima
mencionada, encarrega-se de mandar vir
de Lisboa, com a maior presteza, todos os
objectos que aqui lhe sejam pedidos, ou
que de fora da cidade lhe sollicitem.

TAMBEM TEM

Um excellente deposito de machinas de costura aperfeiçoadas e
garantidas, que vende em prestações ou a prompto pagamento, con-
forme a exigencia do freguez.

O annunciante espera merecer a protecção do pu-
blico.

MACHINAS LIGITIMAS

SINGER

Chegou ao deposito da Com-
panhia Fabril Singer na rua de
José Estevão d'esta cidade um no-
vo e variado sortimento de suas
machinas de costura, com novos
melhoramentos e por preços con-
vidativos.

Tem apparecido por ahí algu-
mas machinas a imitarem as ver-
dadeiras do Singer. É preciso re-
parar bem na sua marca e ver se
são legittimas.

N'esta cidade só se vendem
na Companhia Fabril Singer na rua
de José Estevão 75 a 79 e em Ovar
na Praça.

Ourivesaria

9 RUA DA COSTEIRA 9
1.º andar

N'esta officina executa-se com
perfeição todos os trabalhos, tan-
to em ouro como em prata.

Garante-se em todas as obras
feitas n'este estabelecimento um
preço modico.

BANDEIRAS

ALUGAM-SE bandeiras novas,
a quem nas pretender alugar fal-
le com Rodrigo Miero, rua de José
Estevão n.º 64—a 67.

Conselheiro

DO POVO

*Manal Pratico dos cidadãos por-
tuguezes para cada um se di-
rigir e regerer por si, sem de-
pendencia de procradores, nos
tribnaes e repartições publicas,
segndo as Leis do Reino.*

Sahiu á luz o 3.º fasciculo d'es-
ta interessante publicação.

Acha-se á venda no kiosque
do Rocio (lado norte).

Custa apenas 120 rs.

SINGER! SINGER!

Machinas para
coser, a prestações
de 500 réis
semanaes



Machinas para co-
ser com 10 por cen-
to menos, a prom-
pto pagamento

QUALQUER QUE SEJA A MACHINA NÃO SE PAGA ENTRADA

As melhores machinas para costura que todo o mndo conhece e que nunca tiveram rival

GUIDADO COM AS IMITAÇÕES

AS LEGITIMAS MACHINAS DE COSER SINGER

Ó SE VENDEM NA

COMPANHIA FABRIL SINGER

75—Rua de José estevão—79

(Em frente do edificio da Caixa Economica)

AVEIRO

FELIA

52—LARGO DA PRAÇA—53

OVAR

PEÇAM CATALOGOS ILLUSTRADOS COM LISTAS DE PREÇOS QUE SE DARÃO GRATIS

Vende-se algodões, torçoes, agulhas, oleo e peças soltas
a preços baratissimos